

O DIMINUTIVO COM SUFIXO -INHO SOB O VIÉS DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA

Deborah Rheesa Santos¹

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda²

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, assumimos que a língua está em constante transformação devido às necessidades comunicativas dos falantes, dado que os usuários da língua buscam ser cada vez mais expressivos. Essas novas formas de se expressar se baseiam nas regras da língua que os falantes dominam e nas experiências socioculturais de seu entorno. Dessa maneira, há a necessidade de se instanciarem novas construções na língua. Assim, as mudanças linguísticas não ocorrem aleatoriamente, mas dependem da interação e da comunicação, ou seja, do uso.

Posto isso, objetivamos, neste trabalho³, descrever os padrões microconstrucionais representados pelo esquema mais abstrato e genérico $\{[X^{N/ADJ/AVB}]-inho/a\}$, em que X constitui um *slot*⁴ que pode ser preenchido por um nome, um adjetivo ou um advérbio e é acompanhado pelo sufixo *-inho/a*, tal como *quartinho*, *bonitinho*, *pouquinho* etc..

A partir da revisão da literatura, verificou-se que há muitos trabalhos que estudam a formação dos diminutivos na língua portuguesa (Frota, 1985; Lee, 1999; Gonçalves, 2005), concentrando suas análises nos níveis morfológico, sintático e semântico. Ademais, identificamos alguns trabalhos que incorporam a dimensão pragmática na análise do diminutivo (Alves, 2006; Pereira, 2020). No entanto, não encontramos pesquisas que se concentrassem na análise desse objeto sob a perspectiva da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013) ou sob o ponto de vista da avaliação, nos termos de White (2003).

Portanto, a escolha pelas construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, deve-se às seguintes razões: (i) o diminutivo configura uma construção já convencionalizada pelos falantes, sendo largamente utilizado; (ii) ainda não há trabalhos já realizados que conferem o mesmo grau de importância à forma e à função no tratamento do diminutivo sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso; além disso, (iv) apesar de já existirem trabalhos acadêmicos realizados a respeito desse tema, não há trabalhos que se voltem pontualmente para o tratamento do objeto de análise em questão a partir da abordagem construcional da mudança, buscando caracterizar a forma e a função dos padrões microconstrucionais do diminutivo.

Nesse contexto, as seguintes hipóteses norteiam nosso estudo: (i) as construções com o diminutivo, representado por *-inho/a*, cumprem novos

¹ Deborah Rheesa Santos do Curso de Mestrado em Linguística – 2 Semestre/2023. Universidade Federal de Juiz de Fora. deborahrsantos2016@gmail.com

² Pós-doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Orientadora. Prof.^(a) do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. patricia.cunha@ufjf.br

³ Agradeço à CAPES, pela bolsa que me concederam para a realização da pesquisa.

⁴ O *slot* compreende as diversas possibilidades de preenchimento que uma construção permite. Quanto mais esquemático é o *slot*, maior será a lista de elementos que poderá ocorrer nesse *slot* (BYBEE, 2013).

propósitos comunicativos na língua que diferem de seu uso convencional atrelado à noção de tamanho físico e (ii) essas construções, no *corpus* analisado, constituem diferentes pareamentos forma-função na língua.

Assim sendo, apresentamos, a seguir, os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho; os fundamentos teóricos nos quais a análise dos dados se baseia; a análise das microconstruções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, e, por fim, algumas considerações preliminares.

1 METODOLOGIA

Levando em consideração os objetivos deste trabalho, o método misto tem muito a contribuir para a análise mais detalhada dos dados, uma vez que se trata de uma metodologia que auxilia na compreensão da regularidade de inovações que emergem na língua no âmbito da abordagem construcional (Cunha Lacerda, 2016).

Nesse sentido, Cunha Lacerda (2016, p. 89) aponta que, no âmbito dos estudos da mudança linguística, caberia a uma análise qualitativa dos dados, principalmente, as seguintes funções: “i) caracterizar o pareamento entre forma e função no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema; e ii) descrever os contextos de uso em que emergem os construtos na língua”.

A análise quantitativa, inclusive, se tornou um importante recurso nos estudos da mudança linguística. Em Traugott (2011), observamos que a frequência de uso assume um estatuto bastante específico. Para a autora, a repetição resultando em frequência constitui um mecanismo de mudança linguística, juntamente com os mecanismos da reanálise e da analogia (Traugott; Trousdale, 2013). Em consonância, Bybee (2003) também destaca a relevância da frequência de uso, pois a repetição, que é derivada da produção do locutor, seria um dos elementos propulsores para a implementação do processo de mudança.

A coleta dos dados para a análise desta pesquisa foi desenvolvido a partir de uma perspectiva sincrônica, com base na constituição de um *corpus* representativo da modalidade oral da língua, composto por um total de 6 horas e 29 minutos de vídeos retirados da plataforma online YouTube, os quais datam do período compreendido entre 2020 e 2023, gerando o total de 524 ocorrências. Os vídeos foram selecionados de maneira randômica quanto aos temas, aos falantes e às regiões do país, a fim de garantir maior representatividade. Em relação ao conteúdo dos vídeos que compõem o *corpus* desta pesquisa, os temas são variados, tais como tutoriais de maquiagem, *podcasts*, *vlogs*, em que a linguagem, nesses vídeos, pode ser considerada natural e, em grande parte, menos monitorada. Em suma, apesar de buscarmos maior representatividade linguística ao construirmos um *corpus* composto por transcrições de vídeos compreendidos entre os anos de 2020 e 2023, temos ciência de que os fragmentos selecionados constituem apenas um recorte parcial da língua, e não sua totalidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento da pesquisa fundamenta-se no aporte teórico assumido pela Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, também LFCU), que tem, como princípio básico, a construção como unidade básica da língua (Goldberg, 2016) e que a língua organiza-se a partir de extensas redes construcionais (Croft, 2001). A construção, nesse sentido, é constituída, segundo Goldberg (2016) de pareamentos forma-função.

Essa abordagem assume que a gramática e o léxico são moldados pelo uso linguístico, uma vez que considera a língua a partir de seu uso real, em contextos reais de comunicação. Ao passo que o funcionalismo clássico adota a correlação função > forma, a LFCU adota a bidirecionalidade função < > forma (Rosário; Oliveira, 2016). Dessa maneira, a forma e a função possuem o mesmo grau de importância, não havendo qualquer tipo de hierarquização entre os conceitos. Ademais, no contexto da LFCU, o trabalho pauta-se, mais pontualmente, em Traugott e Trousdale (2013), os quais descrevem um modelo para a mudança linguística partindo do uso real.

A abordagem construcional da mudança, desenvolvida por Traugott e Trousdale (2013), assume pressupostos da Gramática de Construções e da Linguística Funcional Centrada no Uso. A partir das proposições realizadas por Traugott e Trousdale (2013), em sua obra, é possível identificar três questões abordadas pelos autores que constituiriam sua grande contribuição no tratamento da mudança linguística. São elas: (i) a língua está organizada em redes taxonômicas constituídas em quatro níveis hierárquicos: esquema, subesquema, microconstrução e construto; (ii) a mudança linguística parte de duas dimensões distintas: a mudança construcional e a construcionalização; e, (iii) a mudança ocorre tanto na gramática quanto no léxico.

A seguir, apresentamos os resultados e discussões da análise do objeto, demonstrando os três níveis de esquematicidade da rede construcional com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o andamento da pesquisa, identificamos que o esquema mais genérico, representado por $\{[X^{N/ADJ/ADV}] -inho/a\}$ instancie seis microconstruções na língua, as quais apresentariam as seguintes funções: dimensivo físico, dimensivo quantitativo, dimensivo de atenuação temporal, dimensivo intensivo, modalizador epistêmico-asseverativo e avaliação afetiva.

Nesse contexto que assumimos, portanto, de forma mais genérica, que o esquema mais abstrato subjacente às construções com o diminutivo, representado pelo sufixo *-inho/a*, em contextos de dimensão e de posicionamento do falante, pode ser simbolicamente representado da seguinte forma: $\{[S^5 + -inho/a]\}$. No que se refere aos aspectos funcionais – outro componente do pareamento –, o esquema revela a noção de escalonamento em variados níveis de abstração, a qual não está contida necessariamente no elemento ao qual o sufixo *-inho/a* se combina. No caso das construções analisadas no *corpus*, é possível perceber que o falante faz uso do diminutivo para promover o escalonamento na extensão dimensional de um referente ou evento, no plano físico ou no plano abstrato. Também é possível perceber o escalonamento do posicionamento do falante acerca da proposição por meio da modalização epistêmica asseverativa ou avaliativa, a partir do seu comprometimento com o que é dito, ocorrendo em contextos mais (inter)subjetivos. Assim, observamos uma escalaridade no grau de engajamento do falante em relação ao interlocutor. Logo, a noção de escalonamento presente no esquema $[S + -inho/a]$ não está propriamente no elemento que se combina ao sufixo *-inho/a*, mas no entorno do padrão construcional.

⁵ S = sintagma (nominal, adjetival ou preposicional).

Em um nível menor de abstração, encontram-se, organizados por nós, dois subesquemas, que agrupam microconstruções de acordo com características em comum. O escalonamento em diferentes níveis de abstração, tanto no plano físico quanto no plano abstrato, configura um traço comum aos subesquemas. No entanto, no subesquema 1, a noção de escalonamento está ligada a uma escala dimensional, em que a noção de escalaridade está presente no elemento que se combina ao sufixo *-inho/a*, uma vez que o elemento recrutado para formar a construção precisar ser necessariamente dimensionável, ocorrendo em contextos menos intersubjetivos se comparados às construções do subesquema 2. O subesquema 1, dessa forma, instancia quatro microconstruções: dimensivo físico, dimensivo quantitativo, dimensivo de atenuação temporal, dimensivo intensivo. Totalizando 261 ocorrências desse subesquema.

Por outro lado, a noção de escalonamento presente nas construções pertencentes ao subesquema 2 está relacionada à escalaridade em relação ao grau de engajamento. A função do diminutivo de estabelecer o posicionamento do falante também é demonstrada na forma da construção, uma vez que o elemento que se combina com o sufixo *-inho/a* não apresenta a propriedade de dimensão. Sendo assim, a escalaridade presente nesse subesquema recai sobre o grau de engajamento modalizador ou afetivo do falante. Dessa forma, essas construções ocorrem em contexto mais (inter)subjetivos, em que o falante deixa mais evidentes as suas crenças e atitudes acerca do que diz (Traugott; Dasher, 2004). O subesquema 2, dessa forma, instancia duas microconstruções: modalizador asseverativo-epistêmico e avaliativo afetivo. Totalizando 263 ocorrências desse subesquema.

CONCLUSÃO

A partir da análise dos dados, verificou-se que, assim como há um aumento gradual de (inter)subjetividade no nível dos subesquemas, constatou-se também esse *continuum* nas microconstruções. Portanto, os padrões microconstrucionais estão organizados em rede, desde o nível mais hierárquico até o menos hierárquico, demonstrando o aumento de (inter)subjetividade entre as microconstruções.

Ademais, à medida que a ameaça à face do locutor/interlocutor (Goffman, 1967) aumenta, maior é o nível de (inter)subjetividade e expressividade da microconstrução. Portanto, construções que marcam o posicionamento do falante geralmente causam mais ameaça à face e, conseqüentemente, são mais intersubjetivas e expressivas do que aquelas que marcam a dimensão em algum nível. Assim, o aumento do grau de (inter)subjetividade implica o aumento do escalonamento do posicionamento do falante, o qual se compromete ainda mais com o que é dito, aumentando possivelmente o grau de ameaça em relação à face do locutor ou do interlocutor.

Em adição, salientamos que, para trabalhos futuros, revela-se proveitoso analisar a prosódia da fala, pois marca a expressividade que os falantes imprimem durante a interação.

Por fim, acreditamos que a análise do diminutivo, pelo viés da abordagem construcional da mudança, tem o potencial de gerar reflexões alternativas acerca do ensino de sufixos, em contextos de educação básica, quando expressam o posicionamento do falante, ampliando a noção de sufixo diminutivo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia. **Estudos Linguísticos**, v. 35, p. 694-701, 2006.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, p. 602-623, 2003.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional – reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 1, p. 83-101, 2016
- FROTA, M. P. **A expressão do pejorativo em construções morfológicas**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1985.
- GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Nova York: Pantheon Books, p. 5-46, 1967.
- GOLDBERG, A. E. A constructionist approach to language. In: *Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, 2016.
- GONÇALVES, C. A. V. **Flexão e derivação em português**. Rio de Janeiro: Setor de Publicações da Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.
- LEE, S-H. Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 8, n. 1, p.113-124, 1999.
- PEREIRA, C. G. C., 2020. Análise do sufixo avaliativo diminutivo no português brasileiro a partir do uso de corpus eletrônico. Salvador: **Enlaces**, v. 1, n. 1, p.32-59, 2020.
- TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 2011a, p. 19-30.
- _____.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- _____.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- WHITE, P. **An introductory tour through appraisal theory**. 2003. Disponível em: Acesso em: 10 mar. 2023.